

MANARIO D'AS
DES REPORLAGENS
108-ANO III

PREÇO 1 ESCUDO

reporler.

DIRECTOR:
REYNALDO FERREIRA
(REPORTER X)



O AGVIA QUE VAES TÃO ALTO
POR CAMINHOS NVNCA VISTOS
VÊ LA SE ACHATAS O BEQUE
POR MÔR DE CERTOS CALIXTOS.

SUMÁRIO: A questão Mundial-Plácido—No coração do Brasil—A Alemanha e a propaganda comunista—Homens e Fatos do dia—Um episódio á "frisson"—Mundo de negócios, etc. etc.

Espectáculos

de LISBOA

TEATROS

- Teatro Nacional** — Fascinação, com um desempenho das artistas, Adelina Abranches e Palmira Bastos.
- Politeama** — Em contínuo êxito «Areias de Portugal».
- Avenida** — Grande sucesso «O Escorpião».
- Variedades** — A engraçada revista que tanto êxito tem alcançado «Desculpa, O' Caetano».
- Maria Victória** — O maior sucesso da actualidade «O Grande Salvador»

CINEMAS

- S. Luís** — O maior sucesso da temporada «Raparigas de Uniforme»
- Tivoli** — O grande filme «O homem que eu matei».
- Condes** — «Um Valente», com Tema Todd e Phillips Holmes.
- Central** — «O Tigre», com Charlotte Susa, e documentário sobre a Africa, «Antropófagos».
- Odéon** — Grande sucesso «MATA-HARI», com Greta Garbo e Ramon Novarro.
- Palácio** — «Mata-Hari».
- Olimpia** — O admiravel super-film de aventuras «A Aventureira de Tunis».
- Cine Ginásio** — «O Cameão»
- Lys** — O formidavel film «O Médico e o Monstro».

do PORTO

- Teatro Sá da Bandeira** — Sempre todos os dias lotações esgotadas com a festejada revista «O Mexilhão»
- Teatro Carlos Alberto** — A peça de costumes tripeiros «A Viela dos Gatos».
- S. João Cine** — Segunda-feira estreia do filme da Ufa «Estupeficientes» com o actor português Nascimento Fernandes.
- Salão Trindade** — Um formidavel film do Ano Metro «Os seis Misteriosos», com Wallace Berry e Jean Horlou.
- Olimpia** — A encantadora comédia-opereta «Casamento de Amor» a seguir apresentamos Ramon Novarro em «Espada Errante».

Batalha — «Boémios» e «Uma Aventura no Mar»

NICOLAU FERRAZ

Espanha, França, Brazil e América do Norte

PASSAPORTES

AGENTE NO NORTE DA

United States Lines

Telefone, 762

RUA DO LOUREIRO, 60 62 — PORTO

Vinhos Amadeu

Dos melhores
Vinhos do Porto

Já visitou
a varanda
da saúde?

A melhor estancia
de repouso
de Portugal

Os melhores ares
e a melhor alimenta-
ção das casas de
saúde do país

SATISFEITO
VISITE E
FICARÁ

A VARANDA DA SAÚDE
É EM
Louredo da Serra
PAREDES

Quereis dinheiro?

JOGAI NO

G A M A

R. do Amparo, 51
LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para
: : : registo : : :
Atende todos os pedidos da
: : : Provincia : : :

Sempre sortes grandes

MACHADO & BRANDÃO

REPRESENTANTES

das afamadas marcas

Mercedes, Minerva e
: : Rosengart : :

A CASA MELHOR SORTIDA
: : EM ACESSÓRIOS : :

Impermeáveis, capas de
: borracha e agasalho :

Rua Sá da Bandeira, 193

PORTO

O presente número do
REPORTER X foi vi-
sado pela Comis-
são de Censura



reporter. HOMENS & FACTOS DO DIA

N.º 108 -- Ano III
SABADO, 10 DE
DEZEMBRO 1932

DIRECTOR-EDITOR
REYNALDO FERREIRA

(REPORTER X)
PROPRIEDADE DE
MERCEDES CAL

ESCRITÓRIOS:
R. SAMPAIO BRUNO, 12
COMP. K IMPRESSO NAS
O F. GRÁFICAS
DA C. P. Ed., L. DA
Rua da Boavista 307
P O R T O

AS LUZAS BRANCAS DO SR. PLACIDO

ERA Balzac — creio eu — que preferia afastar-se de Paris, isolar-se numa aldeia bretã ou numa vila normanda — para escrever os seus romances mais parisienses.

«Paris desabrocha com maior clareza

e mais rico de visões e mais transparente, nos seus segredos íntimos — à medida de que maior é a distância que me separa d'êlê... — dizia o admirável autor da «Comédia Humaine»...

Pela primeira vez me fixo e me senti obrigado a refletir sobre esta verdade. Pela primeira vez — a vida, a cidade, os homens desfilam pela minha recordação com o seu verdadeiro aspecto, revelando-me segredos e almas e obras e ideias que, em contacto permanente, me sabiam ocultar e que, agora, sem outra ligação comigo do que aquela que a minha memória tece, entre reminiscências, evocações e aeduições inesperadas, se desmascaram como certos indivíduos, de blindada reserva, que sonham em voz alta e durante o sonho contam, a quem os escuta, as suas mais íntimas patifarias...

Há duas semanas que isso voluntariamente num isolamento total, entre as quatro paredes duma «Casa de Saúde, onde me degladio com antigo padecimento... O mundo, como o cenário da gare visto pela janela de um comboio expresso — perdeu-se, fundiu-se na negrura do tunel, no momento em que entrei e fechei, atrás de mim, a porta do meu quarto de enfermo. Nem visitas nem paisagem que se espreite por uma janela: a janela do meu quarto tem, a enfrenfrentá-la, um allíssimo muro. O médico que me visita — o enfermeiro que me trata — e mais nenhum representante da humanidade — da humanidade que, como a paisagem citadina, como toda a dinâmica, visível ou invisível, da existência — ficou lá fora, re-

quando muitos quilómetros por minuto, desde o instante da minha entrada... O único T. S. F. que me resta — é o jornal. O jornal é como o ecran onde se projectam os filmes misencenados em países bem longínquos...

E contudo que nitidez de revelações! O que eu tenho visto! O que eu tenho sabido! Como a vida, os homens, o mundo se exhibe — na crença de que as paredes do meu quarto são opacas! Que extraordinário «Raio X» é a distância, imaginária ou real!

* * *

Se não fosse o meu isolamento; se não fosse esta distância fictícia que me separa dos acontecimentos — tenho a certeza de que o petardo — escandalo-social da praxe do sr. Eduardo Plácido soaria, nos meus ouvidos de forma mui diferente... Teria talvez realizado uma reportagem, entrevistas; ter-me-ia infiltrado no assunto, desventrado os segredos aparentes do affaire e, possivelmente, chegaria às conclusões pouco li-songeiras dos que o atacam...

Sem reportagens, sem entrevistas, sem outro material de análise do que aquêlê que todos conhecem e um outro material de Calahn do que o da distância e do meu isolamento — julgo ver mais claro, mais longe, com mais justiça, com mais verdade!

O sr. Eduardo Plácido pertence a uma forma social dos que querem vencer, embora o Destino os desportegesse na pobreza de origem. Isto de querer vencer, se é pecado é pecado universal, — porque só os apáticos, os nescios alguns — os raquíticos de vontade, os castrados de ambição encolhem os hombros ante a perspectiva do triunfo. E' possível que o sr. Eduardo Plácido não fosse dum rigôr absoluto na escolha dos caminhos que o levaram à victoria! Isto sim, é pecado positivo mas que me apontem dois vitoriosos da vida a quem não se possa acusar da mesma falta de escrúpulos...

Eu disse: é possível — porque ignoro se é verdade. As verdades positi-

vas sobre o sr. Plácido são duas: que 50 p. c. da sua vitória está em que é mais esperto, mais inteligente, mais dinâmico e cerebral que muitos que também queriam, mas que não podem — ai! ai! — como se diz em certa canção popular. A outra verdade é que o ambiente hostil que se adensou contra não significa a revolta de consciências puras contra uma consciência impura: oculta apenas a raiva biliosa dos que queriam sêr' como êle, fazer como êle — vencer como êle — e não poderam, não souberam fracassaram.

Prova-se pois que o maior crime do sr. Plácido não são as suas faltas — mas sim os seus triunfos! E note-se. Eu mal conheço esse senhor. Falei-lhe uma vez por acaso Não lhe devo nem me dev favoircs! E se formos a vêr bem as coisas somos adversarios naturais — porque eu considero meu inimigo todos os indivíduos como o sr. Plácido...

O que não me impede negar me a colaborar uma obra insincera e... Já lá vamos!

* * *

E' fatal! Todos os indivíduos que triunfem como o Sr. Plácido de certa altura da vida em deante, caminhavam vigiados pelo odio, pela inveja que esprieltam a primeira oportunidade para os atacar! Muitas vezes essa oportunidade falha — e os invejosos estoiram de raiva! Outras — como por exemplo, no caso de Alves dos Reis — ela vem ao seu encontro — eloquente berrante, — basta assoprá-la para ejacular labaredas! Outras ainda é preciso antepenalizá-la, forçá-la, exagerar os factos, criá los até...

Mas o mais repugnante nesta «comédia humana» — cantaremos a canção de Balzac — é que, quasi sempre, os indivíduos que passam a rasteira «Caipora», fadista; os que armam a cilada; os que acusam; os que se indignam entre as moralidades cometidas — por aqueles que mais bajularam os acusados, que mais comeram da sua generosidade, da sua meza, da sua cortina; os que só subitam e se guindaram ao tablado que lhes permite acusar, graças á condescendência, á amizade, ao favoritismo do sr. Plácido...

E' uma regra quasi sem excepção Vejamos Alves dos Reis! Quem mais o comprometeu senão quem mais lhe devia em haveres incalculáveis! Vejamos o caso de Marques Sá — no Porto! Quantos dos seus amigos, que gozaram do seu lado permanente, nas épocas de riqueza e fausto — faltaram no ataque para afundar, para o exportarem para o degredo, nas épocas de decadencias, e de Fatalidade?

O simbolo perfeito — (Continua na pag. 10)

Um "ménager," de doentes

Na avalanche dos "caminheiros da fome," há um português aventureiro e quasi milionário!

NUNCA nós sopuseramos ao ler a sensacional reportagem «um fabricante de Loucos», que com um novo affaire *Reporter X* viesse alertar num brado de revolta a consciência socegada dos seus leitores; é um affaire tenebrosamente macabro de que é protagonista um português dos muitos que na cupidez ávida de fortuna se atiram ao mundo numa ansia frenética de ludibriar desde o mais opulento burguês ao mais miserável dos desgraçados famintos que estadeiam a sua miséria calcurriando numa marcha arreljiadora, ritmica, compassada ou o trotoir liso e macio dos boulevards ou os caminhos lamacentos de alguma aldeia triste. O nosso negregado compatriota de hoje é um daquêles muitos portugueses que uns ténues laivos de patriotismo obrigam a modelar o seu nome à exigência fnética dos paizes onde praticam as suas proezas mais dignas da fantasiosa imaginação de algum contista do que da realidade palpável da sua teatralização. E se, infelizmente para vós leitores, o caso que agora ides conhecer não é tratado pela pena brilhante do nosso querido Director, êle misencena contudo mais uma história em que se é pródigo dos dezoito anos em que cada inverno é uma primavera cheia de perfumes e purezas...

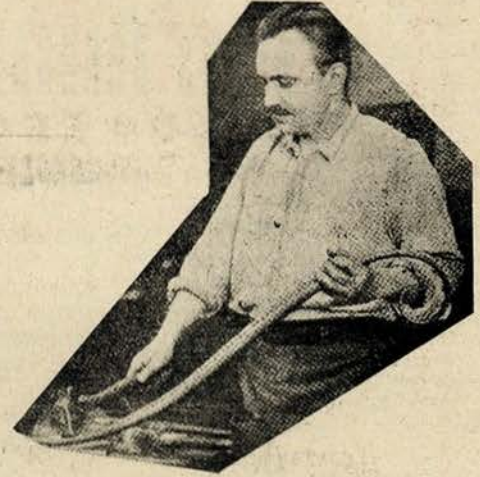
E' já num lugar comum ouvir-se que a crise avassalou o mundo e que o homem egoista, sofrego queima numa baccanal maldita o que mataria a fome a tantos milhares de famintos e sequiosos que marconisam a sua dôr num arrulo de revolta que por falta não de coesão, mas de força o estiola na primeira praça onde se amotinem para uma voz débil e entrecortada de golladas de sangue, numa voz enfraquecida mas que lala bem alto àquêles peitos oprimidos patentearrem a afrontosa desdita em que os prostou um negligente e censurável abandono social. E enquanto o frio enrigela aqueles corpos-caricatura e a chuva criva de angústias os eslomeados desnudados, o mundo vestindo uma máscara de hipocrisia atrofia cada vez mais a última esperança dos pioneiros famintos, reduzindo a cinsa montanha de trigo *bensafejo*, cafeinizando com cargas monstruosas de café as águas do oceano numa canceira execrável de tantos querer-ganhar muito, do

que amealharam aos poucos ajudando na struggle for life, na concorrência vital como diria Darwin os que padecem vítimas da crise de super-abundância!

Discute-se o armamento, bibelot ridiculo nestes tempos de misérias, torjim-se guerras e revoluções sem que ninguém pense no momentoso problema da discussão económica. Então, os fraços, os oprimidos, os vencidos porque não podem e os fortes, os barrigudos, os vencedores por que teem donde *êle* lhes venha, vivem na mais hedionda canceira servindo-se êstes da fraqueza daqueles para assinar decretos ridiculos de que êles próprios se admiram. Então revoltam-se os potentados contra o caso que vamos registar, façanha vergonhosa que confundiria um animal da selva a que se emprestasse o vislumbrar de uma intelligência clara para a compreender. E se o affaire em si, na estrutura anatomica da sua essência nos arrepia, mais nos indignifica como homens o impulso que intimamente compeliu o homem a tais expedientes...



Esta é a estrada que conduz ao «ménager» de doentes



Dr. Otto

Suposto médico e antigo ferreiro

O caldo de cultura mortifero

A noticia lôra desfechada num consultório de um médico que mais que isso é para nós uma das mais enraizadas amizadas. E êsse médico distinto, o snr. Rafael Vizeu foge á esteira de muitos seus colegas que *Reporter X* tem aproveitado no intuito altamente filantrópico de destrinçar entre bons e maus. Falava-se da crise e nós soubemos que na Alemanha um médico celebrisado pelas suas curas resolvera dum modo eficiente e definitivo a crise da falta de doentes. Alertamo-nos e procuramos saber mais, é uma história horripilante. Lêde:

* * *

Otto K. Lucius fundira a sua pequena fortuna formando-se em medicina. Isto foi antes da guerra, cortina sinistra com que se obscurece o mais trágico acontecimento histórico.

Formado o dr. Otto nem sequer teve um parente amigo que lhe montasse consultório. Vagueava pelas farmácias onde de quando em vez topava uma consulta que lhe dava para os cigarros dêsse dia.

Estala a guerra e Otto alista-se como voluntário ficando na propria Alemanha sacrificada, preparando nos laboratórios a morte para tanta gente, que lá gente defendia senão os interesses pelo menos os brios, os pergaminhos das suas patrias. Aí toca-ra as mais exquisitas retortas,

(Continua na pág. 14)

10 - Dezembro de 1932

CONCURSO

DE

FOOT-BALL

**1.000 ESCUDOS DE PREMIO A
DISTRIBUIR PELOS CONCORRENTES**

1.º DIA DE CONCURSO

Sensacional desafio entre o **F. C. P.** e o **S. C. P.**

Ganha Porto ou Lisboa?

— Por quantos goals?

— Quem os meteu?

Condições: REPORTER X oferece semanalmente **MIL ESCUDOS** de prémios a todos que se habilitarem ao CONCURSO DE FOOT-BALL. Para isso é necessário preencher o talão impresso no REPORTER X, resposta ao questionário feito.

Há sempre premiados, visto que **MESMO NÃO ACERTANDO**, têm direito aos prémios os que se aproximarem do resultado e que REPORTER X, em carta lacrada, antecipadamente depositará na Agencia de Publicações.

Se houver mais de que um concorrente que acerte a solução, o prémio será dividido.

Havendo diferentes resultados apresentados, os mil escudos serão divididos desta maneira:

1.º Prémio	400\$	7.º Prémio	40\$
2.º »	200\$	8.º »	40\$
3.º »	60\$	9.º »	40\$
4.º »	60\$	10.º »	20\$
5.º »	50\$	11.º »	20\$
6.º »	50\$	12.º »	20\$

Os goals não podem ir além de 5 e só podem ser metidos por jogadores que estejam em condições lógicas de jogo.

O concurso de hoje é relativo ao jogo Foot-ball Club do Porto—Sporting Club de Portugal.

A classificação dos resultados faz-se pelo somatório dos pontos obtidos.

Quer dizer:—O concorrente que acertar o resultado do jogo conta... pontos e por cada bola atribuída ao jogador tal ou tal, ... pontos.

Quem obtiver maior número é o 1.º classificado, seguindo os demais concorrentes que, por aproximação terão direito aos 11 prémios seguintes.

Como não há senão 1.000 Esc. a distribuir, os concorrentes que acertarem a solução distribuirão entre si o total dos **MIL ESCUDOS**.

FOOT-BALL CLUB DO PORTO

CONTRA

SPORTING CLUB DE PORTUGAL

Quem ganha?

Resultado do jogo?

QUEM METEU AS BOLAS:

Do Porto:

De Lisboa:

No coração do Brazil

Em procura de Fawcet—Um novo reconhecimento

Estes e os artigos seguintes descreverão uma expedição que durante tres meses percorreu o interior do Brazil em procura dos vestigios de uma outra que em 1925 se embrenhou nestas paragens nunca mais havendo conhecimento dos seus componentes. Esta reportagem foi levada a fim por um enviado especial de um jornal Londrino que tomando parte : : na expedição, arriscou-se aos inumeros perigos da selva Brasileira. : :

OS principais planos desta expedição residiam na exploração dos afluentes do Rio Araguaya onde se presumia haverem vestigios do Coronel P. H. Fawcett que com seu filho e outro companheiro, desapareceram no interior do Matto Grosso em 1925.

Infelizmente a revolução de S. Paulo aliada á iminencia das chuvas próprias da estação, transformaram radicalmente o sucesso das pesquisas, tornando-as de problemáticos resultados.

A revolução rebentou antes da nossa chegada a S. Paulo.

Depois de uns dias de espera conseguimos obter uns salvo-condutos, para seguir viagem; mas em Ribeirão Preto a uma noite de pernada da capital, tivemos que abandonar o combóio devido ao movimento de tropas.

A 600 milhas de jornada pela estrada levaram-nos uma semana a percorrer. O pais encontrava-se sob o excitamento agradável da revolução.

A ponte sobre Rio Grande; fronteira entre os estados de S. Paulo e Minas Gerais, estava barricada ao centro e guardada por tropas nas extremidades. As forças rivais estavam ainda discutindo termos. Com a ajuda de uma bandeira branca e de uma garrafa de whisky, conseguimos os nossos salvo-condutos vizados para seguir viagem, mas a nossa bagagem, teve de passar 100 jardas por baixo do arame farpado arrastada pelos criados.

Em Goyaz encontramos nova demora.

A maior parte dos mantimentos que seguiam á frente, tinha sido confiscada pelas forças militares.

Julho estava a findar, quando chegamos a Leopoldina; o ponto vizado para o embarque que da nossa expedição e último contacto para muito tempo com a



Divertido trabalho de reduzir uma cabeça humana. Este costume dos índios do interior do Brazil, foi naturalmente a sorte que tiveram Fawcet seus companheiros.

civilização. Três semanas depois de deixar Leopoldina, acampamos numa praia da ilha de Bananal, a maior ilha fluvial do mundo. Do lado oposto desembocava o rio Tarirapé, um tributário do Araguaya vindo das regiões não exploradas onde a expedição de Fawcett desapareceu há sete anos. O nosso imediato objetivo era alcançar a cabeça das águas deste rio, o qual sabíamos ter sido visitado por missionários, mas nunca propriamente explorado.

Esperavamos que alcançando o sua nascente, pudéssemos cortar território em sentido sud-west entrando no distrito do Rio Kulmene (marcado X no mapa) onde havia sérias razões em acreditar que Fawcett e seus dois companheiros tinham sido massacrados em 1925.

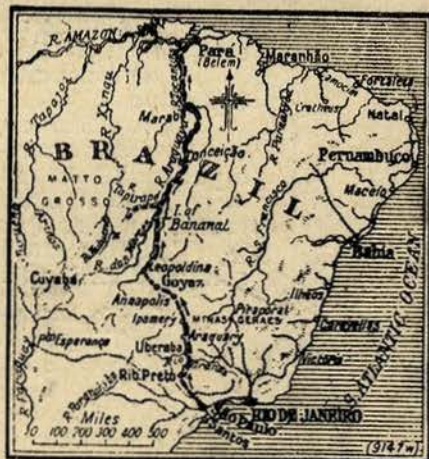
A viagem sobre o Araguaya, tinha sido fácil e sem contratempos.

O nosso combóio compunha-se de quatro embarcações, duas «batalhas» de 30 pés de comprimento, fortes e de bastante capacidade, uma «ubá»

de rápida mas perigosa condução, própria para a agilidade dos Índios, e uma «montaria», autêntica embarcação para fazer a montaria do Amazonas. No tempo das secas, as praias e os bancos de areia fazem excelentes campos para bivacar.

O tempo nunca esteve demasiado quente, a caça e a pesca evitavam que nos adiantessemos nos mantimentos. A abundancia e variedade de patos, pavões e perús, forneciam o sport de pontaria que muito nos divertia. Todas estas aves de rara plumagem e sulcando o ar em todos os sentidos, pareciam a decoração daquele grandioso cenário com que a natureza dotou aquelas paragens, ainda virgens da profana civilização.

Estas aves que passeavam á von-



MAPA DO BRAZIL com o itinerario que a expedição percorreu.

tade, quasi nem se importando com a presença dos homens; pareciam velhos filosofos, absorvidos na estática contemplação da paisagem sem-

(Continua na pág. 15)

10-Dezembro de 1932

Um episódio... à "frisson"

Os "antropofagos"... dos Castelinhos

A carta do louco-lucido.—Os tres sacerdotes estrangeiros, suas esposas e seus "canibais,..—As creanças desaparecidas,—Caveiras e ossos... Afinal... zero.

UM dos tipos mais frequentes não só na epistolaria que nós designamos pelo rótulo genérico de «assíduo» leitor», como no assalto directo e pessoal às redacções, sob os mais variados pretextos — é sem dúvida a do *louco*. O vocábulo é elástico e cabem dentro dele dezenas de significações: dementes, paranoicos, maniacos, quasi malucos, malucos furiosos ou lúcidos, etc., etc., etc... Quantas vezes esses cavalheiros não obrigam a queimar uma boa hora, lendo uma imensa carta, escrita num estilo cheio de lógica, de brilho, de interesse ou escutando uma confidência igualmente equilibrada de sentido, bem deduzida, empolgante mesmo, — para no final nos desituidirem... *cantando de galo* — cantando a tempo de rasgarmos a carta ou de o expulsarmos da redacção, mas não evitando o prejuizo da hora inutilmente gasta e do desengano sempre amargo — quando julgamos ter atingido um triunfo jornalístico e ele se transforma na visão alucinada dum cérebro em *panne*...

A carta que recebemos em 10 de Outubro de 1930 — poucos dias após a publicação do *Reporter X*, assinada pelo «leitor que também podia ser reporter»... enganou-nos duplamente, — como os senhores vão ver...

* * *

O redactor então encarregado de esmiuçar, de peneirar as cartas que choviam sobre as nossas bancas revelando-nos os mais extraordinários e inverosímeis segredos, escandalos, patifarias etc. etc. — estava emocionado, aquela manhã, quando entramos no jornal. «Leia esta carta... Vai in-

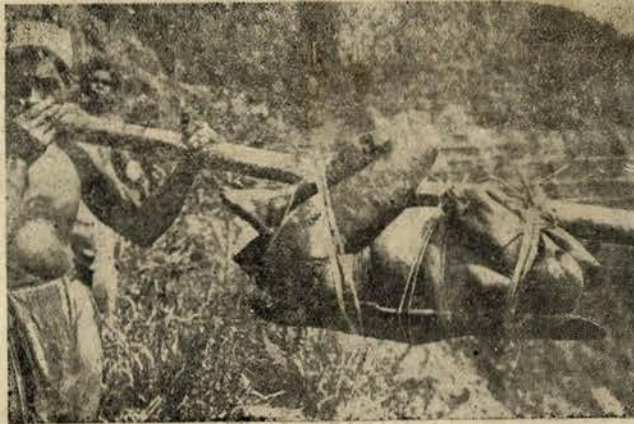
teressá-lo pela certa porque deve dar uma admirável reportagem»

Lemos a carta — assinada, como já dissemos, pelo «Leitor que também podia ser reporter» e era o que ela dizia:

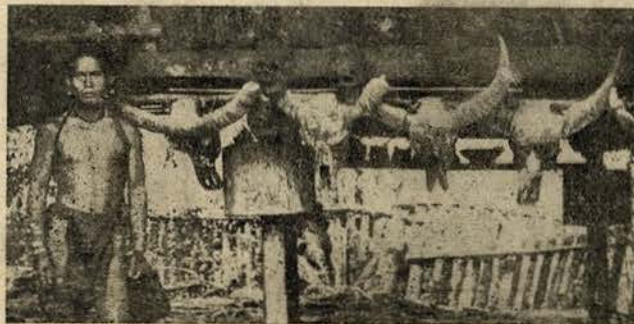
«*Snr. Redactor*: Sou um velho reformado, com relativa saúde para mim a vida ainda oferece grandes prazeres como os do cinema, da leitnra e... o do espectáculo da

deduzo, concludo... Habitualmente esta última distracção limita-se ao meu próprio espirito — visto que não costumo comunicar a pessoa alguma os resultados dessas minhas observações e estudos sobre a vida alheia... Mas desta vez abro excepção à regra e... *por causa*...

«Habitó, há mais de vinte anos, na rua de Renato Batista, aos Castelinhos — nesta cidade de Lisboa. Perto de minha casa existe um prédio de dois andares que foram sempre alugados em separado, a familias distintas. Há coisa de um ano, tendo vagado ambos os andares foram eles ocupados por um estranho grupo de individuos: Três homens, estrangeiros, ingleses ou holandezes, dois dos quais casados apesar de vestirem todos como sacerdotes — vim a saber depois que eram protestantes —; as duas esposas, igualmente estrangeiras — uma loura — irlandeza, outra... mais do que morena — mestiça dum meio-tom café com leite, com pouco



Um projecto para uma boa refeição



Uma exposição simbólica.
Homens e animais

própria vida! Vou ver todos os filmes de valor, compro todos os livros e jornais que me interessam — e o seu é dos que mais me impressionam —; e nos intervalos, à falta de outra ocupação, observo, espreito,

leite — feiçssimas e mal encardas; e uma numerosa criada-gem, meia selvática, negra tôda ela, que em qualquer coisa semelhante aos ne- (Continua na pág. 10)

A QUESTÃO MUNDIAL-PLÁCIDO

Quais serão os motivos?

Uma bisca do SÉCULO ao Dr. Mário Calixto—administrador da Mundial

Porque se não pedem responsabilidades a todos os membros dos Conselhos de Administração e Fiscal

A sensacional notícia da semana é a celebrada questão Mundial-Plácido.

Caiu na caixa de certos jornais e até de um semanário e toca a «propter la question».

A caixinha é boa e rendosa...

Tem público e tem margem larga para uma exploração à «sensation».

Reporter X tem que focá-la, por dever da sua missão.

Para isso necessário é focar atitudes, gestos, passado intenções dos protagonistas da questão.

Está a representar-se uma grande peça de Escândalos. «Boite à surprise» aberta pela queixa apresentada pela Mundial.

Vamos entrar na representação, tomando o papel de «contra-regra» para que os personagens se não atropellem e para que se esclareçam as atitudes dos «actores» e «autores» da função.

A nossa reportagem será feita à margem das notícias dos jornais.

Não nos importa a posição do Senhor A ou B, importa-nos o aspecto da questão em todos os seus detalhes.

Tem «antecedentes», como há de ter consequentes.

Para principiar pelo «princípio», vamos aos antecedentes.

* * *

Eduardo Plácido fundou a Companhia Mundial.

Com 50 contos (dizem os jornais) de capital desembolsado, levou a Companhia a um estado tal que só

ela tinha uma potencial de seguros igual ao dôbro da soma das duas maiores companhias de seguros nacionais que se lhe seguiam.

Tudo isto — dizem os jornais — se deveu à acção de Eduardo Plácido.

Vieram as invejas, nasceram as ambições, surgiram os calixtos... Era natural. Diz-se que Eduardo Plácido é um homem inteligente. Nem tanto como se julga.

A questão actual prova que lhe faltou a argúcia para descobrir liais colaboradores.

Rodeou-se de homens que o traíram, depois de lhe sugarem grossos proventos.

Uma reportagem sem focar este ambiente de inveja e de traições é uma reportagem incompleta.

A questão não interessa só no seu aspecto policial. Não e não.

Interessa também no seu aspecto íntimo, na análise demorada de todos os personagens que intervêm na questão.

E há exemplares primorosos. O Dr. Mário Calixto é um deles.



Dr. Mário Calixto
Administrador de A Mundial

Do jornal «O Seculo», do dia 5 do corrente recortamos este fim da local referente ao «Caso da Mundial».

«Só pelo facto de ter aparecido a acusá-lo o sr. dr Mario Calixto achamos pouco—pelo menos O Seculo acha pouco—a não ser que se considere boa regra administrar como juiz nos tribunais e julgar como administrador nas companhias de que se fizer parte.»

O «italico» é do próprio Seculo. Há, portanto, qualquer coisa escondida nesta observação.

O que será?

O que querera dizer administrar como juiz nos tribunais e julgar como administrador nas companhias de que se fizer parte?

Isto não pode ser simples literatura; tem intenção clara que precisa esclarecimento.

Reporter X ha-de procurar escla-

recer este ponto, este e outros que tocam a pessoas agora arvoradas em grandes homens de negocios, com teres e haveres tão repentinos que até causam tonturas.

Há homens que por ambição calcurream mundo à busca da fortuna.

Atravessam mares, atravessam terras, curtem saudades da Pátria e retornam ao lar.

Vem sem uma de cinco na algibeira, mas de repente—zuca—ei-los pendurados no trapézio complicado do mundo da Finança, administrando, dirigindo e fiscalizando grandes empresas.

Muito depressa sóbem na vida certos cidadãos!...

Não será fortuna de mais?...

* * *

Mas isto tem que ir devagar, muito devagarinho.

E' preciso fazer clichés verdadeiros e só o tempo poderá permitir boa «revelação».

O Caso Mundial Placido é uma rica mina a explorar.

Temos assunto para uns poucos de numeros.

Apaixonou já a opinião publica. A imprensa tomando conta dele dividiu opiniões. Ora não pôde desperdiçar-se a maré.

Ha uma coisa que espanta Reporter X:

—Então acusa-se de uma irregularidade administrativa o sr. Eduardo Placido, irregularidade cometida há 10 anos e aliás regularizada pelas actas da Companhia Mundial, e não se responsabilisam, tambem, os demais administradores e o Conselho Fiscal que aprovou as contas?

Então aprovou-se o contracto ou pseudo-contracto Mundial — Munich só tem responsabilidades Eduardo Placido?

Será por ele ter sido o unico mandão?

Mas se era o unico para que diabo precisava ele de simular o contracto?...

Valha-nos Deus que ninguem se entende nesta balburdia...

E' por isto que o assunto nos tenta.

Temos paixão por assuntos desta natureza e obrigação profissional de tratar deles com atenção e vagar...

Longe do local do escândalo não possuímos elementos de fé que nos habilitam a uma reportagem boa.

Eles virão.

E' claro que lamentamos a nossa pouca sorte.

Outros jornais e outro semanário que atacam Eduardo Placido pucham de argumentos tirados da queixa, na sua fase de investigação.

Quem os forneceria?

Ou a lógica é uma grande batata ou eles só poderiam ser fornecidos pela policia ou pelos queixosos.

Arredada a primeira hipótese, por absurda, fica a segunda.

E resta então perguntar:

—é serio o jornalismo que se atém apenas ás informações fornecidas por um dos interessados na questão?

Não. O Reporter X não pôde triilhar este caminho e até por intelligencia, já que se esgotaram as informações dos queixosos em reportagens bulhentas, opta pelas alegações da defeza até que os tribunais se pronunciam.

E porque opta por elas? Porque são mais sensacionais.

Ora vejamos:

Certa imprensa, o Século, a Voz e o Jornal de Notícias afirmam que quando do pedido de demissão de Plácido do cargo de Director da Mundial, em Assembleia Geral se votou a gratificação vitalícia de 60 contos anuais, em reconhecimento dos altos serviços prestados por Plácido à Mundial...

Mas... o Conselho de Administração — com os snrs. Mário Calixto e João do Amaral — resolveram, a-pesar do voto da Assembleia Geral, que esses 60 contos anuais e durante toda a vida de Eduardo Plácido, só lhe seriam dados se Plácido se compromettesse a não trabalhar mais em seguros, afora seguros de Mercadorias e Bagagens.

Eduardo Plácido não aceitou a prenda — paga dos altos serviços por ele prestados à Mundial...

Vem daqui a guerra da Mundial a Eduardo Plácido...

E que guerra! E' o medo à acção de Eduardo Plácido no campo de Seguros...

Mas medo de quê?

Eduardo Plácido saíu da Mundial deixando uma carteira de seguros na importância anual de mais de 17 mil contos.

A Mundial tinha um grande lugar na Indústria Seguradora Nacional. Porque tem medo?

Tudo isto nos faz pensar muito na questão; tudo isto nos faz pressupor que estamos em presença de um grande caso, de um formidável caso.

Entraria calixto na Mundial?... Ora aqui está achado o titulo primoroso para o nosso próximo artigo.

«A influência de vários Calixtos na Indústria de Seguros».

- Mundial
- Garantia
- Fidelidade
- Pátria
- Comercio e Industria
- Nacional
- Bonança
- Lex

Anos	Receitas—Esc.	Reservas—Esc.	Lucros—Esc.	Dividendos per acção
1914	171:894\$09	64:244\$75,1	13:691\$03,8	\$55
1915	298:052\$99,6	102:007\$47,1	21:003\$98,9	\$60
1916	653:114\$12	208:064\$29,2	35:323\$59,5	\$80
1917	1.225:029\$92,8	315:123\$04,3	45:692\$03,7	3\$00
1918	1.132:254\$36,5	405:402\$76,7	62:406\$65,4	5\$00
1919	530:326\$93	430:648\$10,5	70:137\$90,8	6\$00
1920	792:782\$74,5	640:696\$14,7	120:297\$28,8	12\$00
1921	1.076:749\$38,5	749:051\$60,9	142:122\$71,1	20\$00
1922	1.887:999\$09	1.372:309\$43,2	217:418\$67,3	30\$00
1923	4.246:038\$69	2.017:153\$92,2	552:731\$02,8	40\$00
1924	7.704:135\$16	2.971:223\$93,2	615:673\$48,3	45\$00
1925	7.555:547\$44	3.092:587\$92,2	805:409\$87,3	40\$00
1926	9.453:850\$00	5.666:936\$77,2	856:176\$24,3	35\$00

Um episódio... à "frisson"

Homens & Factos do dia

(Continuação da pagina 3)

(Continuação da pagina 7)

gros das nossas colónias: algo pardos, feições mais asiáticas do que africanas, falando uma língua cheia de guinchos que ninguém entende a não ser os amos, que, pelos esgaras fenomenais, pelas atitudes, por todos os motivos, enfim, metem... um certo respeito...

«Até aqui — e apesar do já revelado — vai a coisa bem. Num dia, há pouco tempo, um antigo colega muito viajado veio jantar comigo; e antes de nos sentarmos à mesa, estivemos à janela, cavaqueando. Por acaso apareceram, à janela também, dois dos sacerdotes protestantes, meus visinhos. O meu colega fixou-os; eles fixaram-no; e — seria impressão minha? — não sei! — Tive a impressão que os meus dois visinhos estrangeiros se retiravam masiado depressa — como quem foge...

«— Conheces aquela gente? perguntei.

«— Creio que sim. São uns memoráveis holandeses ou ingleses que estiveram no Brasil ao mesmo tempo do que eu e cuja especialidade era converter... — pasma-te! antropófagos. Tinham estado três vezes nas Filipinas — no Pacífico — e voltavam para lá; e segundo afirmavam mais de cem canibais haviam entrado na religião protestante e abandonado o regimem alimentar de «carne humana» — graças às suas prédicas. E acrescentavam — a sua missão não era nada fácil. Várias vezes, antes de conseguirem os antropófagos — estiveram em sérios riscos de serem comidos por eles. O seu sistema de conversão era o de se adaptarem, artificialmente aos costumes dos selvagens, até lhes conquistarem a confiança e a amizade — e só depois é que manobravam...»

«— Nessas condições — interrompi eu — eram obrigados a comer o seu Esfísite de explorador ou de chefe de tribu criumpa — em sacrificio heróico da sua missão...

«— Quem sabe! respondeu o meu amigo num tom... que me extranhou bastante.

«A partir dêsse dia comecei a «bi-bolhotar» — é o termo — com uma atenção especial a casa dos meus visinhos estrangeiros; e por uma associação de ideias — cuja origem não sei explicar, recordei-me que, desde que eles estavam

cas tinham desaparecido... misteriosamente! Como agravante a esta... recordação — que os criados pretos ou pardos só saíam de noite — altas horas...

Mais ainda: um empregado do Gás e electricidade que entrou em casa d'êles, por dever de officio, saíra de lá de cabelos irriçados. A causa do seu terror estava na quantidade de caveiras, esqueletos ou antes ossuras humanas, incompletas que ele vira a um canto duma sala, a través de um reposteiro mal corrido...

«Não quero, sr. redactor, dizer-lhe o que penso. Forneço-lhe os elementos e o sr. tire as conclusões que quizer e faça com elas o que achar mais conveniente».

* * *

«— Que lhe parece? — indagou o nosso colega que lera primeiro a missiva.

«— E'ra carta de loucos! afirmou-me...

«— Mas ás vezes... Seria talvez conveniente investigar.

«— Seria tempo perdido. Conheço o estilo. E' um louco! Cesto de papéis!»

Contudo, não sabemos porque, a carta não foi parar ao cesto dos papéis; e tanto assim que, mais de dois anos depois, surge-nos classificada e arrumada, num *dossier* do jornal. Recebemos a vaga denuncia do «leitor que também podia ser reporter» — é um amigo nosso, ouvindo a ler, exclama:

«— Mas eu conheço esse assunto!

«— Como? Não é fantasia dum cérebro desequilibrado?

«— Isso sim!

«— Nesse caso existem antropófagos em plena Lisboa?

«— Existem mas... não... Espera. Deixa-me contar-te tudo — com método, porque, do contrário não compreenderias.

«Aqueles sacerdotes protestantes de quem aliaz sou amigo pessoal — formaram, durante anos, um grupo de missionarios sob a chefia do unico que ainda é solteiro — Rv. Charles Paulo. — Dedicaram-se, de facto, a converter antropófagos — e a sua forma predilecta foi o antropófago das Filipinas — na Oceânia. Belo dia realisaram — porque são ennumerados os canibais... trazidos para a realisação e para a carne de vava — abandonando o *manipango* e a carne de gente!

é o do Bolo-Pachá! Bolo-Pachá em ponto grande, pertencia a tal Jauna. Exagerava!

Abusava? Creio que sim. Mas quem foi que o denunciou, que o enviou para o poste de execução, em Vincennes? Aqueles que ele protegera, aqueles que ele ajudara, aqueles que sevilmente o adulavam, e que, no intimo, se mordiam d'inveja ante a sua continua e milagrosa prosperidade... Por isso, quando o official que comandava o poleião lhe ia a vendiar os olhos, Bolo-Pachá, recusando num gesto de piedade pediu-lhe para demorar uns minutos a execução:

— E' apenas para ter tempo de calçar as minhas luvas brancas — explicou — Foram elas que semearam as culpas que me perderam! Já agora quero morrer com elas calçadas — porque são o simbolo do meu triumpho e da inveja, do espectador e da traição humana.

*

Balzac tinha razão! Se eu não estivesse neste isolamento, se não isolasse da vida, dos homens da cidade — talvez não tivesse visto o affaire Plácido — a través d'este prisma — que é o unico verdadeiro jurô lhes!

Toda esta tempestade — podem crêr — giram à volta dum par de luvas brancas. E' possível que não o pareçam por estarem algo encardidas...

Ah! O poder social das luvas!

Reporter X.

Um deles adoeceu gravemente; os médicos aconselharam-lhe o repouso e bons climas. Vingaram e por fim vieram passar uma temporada em Portugal — mas em Lisboa — na Rua Renato Batista. Trouxeram com eles alguns dos antropófagos regenerados e, como recordação, esqueletos, craneos, vestigio da selvageria canibalesca de onde tinham sido arrancados.

«Portanto pode dizer-se que existem em Lisboa alguns antropófagos — mas... que já não comem carne humana. Quanto ao desaparecimento dos petizes — eles desapareceram daquelle bairro como, raro é o dia, mas desaparece um, pelo menos, dos outros bairros...»

* * *

Eis como essa carta que parecia dum louco nos permitiu revelar aos nossos leitores um episódio pitoresco da vida cidadina...

A Alemanha e a propaganda comunista

Tumultos em Berlim pelos comunistas contra o Snr. Von Papen - Os fracassos de Hitler para assumir a presidencia dum novo Governo - T. S. F. ou os jornais que não se podem suspender.



NOS últimos dias do mês passado produziram-se em Berlim, tumultos sérios praticados pelos comunistas em sentido de reprezalias ás leis que ultimamente veem exercendo sobre este partido, leis que apesar da sua dureza não extinguem os adeptos desta ideia, antes pelo contrário, cria novas adesões inspiradas pelo sacrificio iluminado dos propagandistas.

Há um partido na Alemanha a quem o governo do Reich tolera e teme; — são os nazis é o grande bloco que Hitler formou à sua volta e que começa a desmornar-se e a ingressar no comunismo, que como o leitor sabe acusa nas estatísticas eleitorais, uma subida periodica, alarmantemente.

Hitler e as suas fanfarronadas belicosas e irrisórias, provocou no sensato povo alemão o descredito que Mussolini já tem do sensato povo italiano.

Hitler quiz copiar o garbo marcial de Mussolini, quiz empolgar a ignorancia do povo alemão com as bombasticas frases que tem merecido a Mussolini o ipiteto de cabotino pela imprensa liberal de todo o mundo; mas que lhe importa a éle que as plateias das élites universais arrojem para o palco onde éle representa a opera-comica do seu governo, os projecteis luminosos da sua hilariedade?

Para quê? — Ele; actor-cantor empregário e bilheteiro, tem a casa sempre cheia de clagues.

Hitler; mercê do estado decrepito da politica alem e conseguiu pelos «empregários das guer-

ras» reunir averba suficiente para angariar um partido. Realisou o desejo dos «outros» e as massas do povo, que admiram pela razão unica da sua teatralidade os grandes herois, quando estes se acham aureolados pela fama de salvadores

Foi com o pseudonimo de «Salvador da Pátria que o encabeçaram num partido, onde éle é o unico estrangeiro

O partido «nazi» não viverá muito tempo, os seus melhores elementos, aqueles patriotas que viram no nacionalismo de Hitler a salvação da Alemanha, desertam dia a dia. O seu partido, colosso de milhares de tentáculos, descandalisa-se continuamente em prôl do indiferentismo com que o povo alemão encara o problema da sua pátria.

Mas Hitler estrebucha, Hitler luta na representação do seu ultimo acto, reunindo as energias de uma morfina que já não ilude. E como o seu principal antagonista é o comunismo, usa da influencia que ainda tem no governo para pedir o exterminio completo do partido rival.

O jornal «Rote Fahne» órgão comunista foi encerrado apoz várias multas até ao dia 16 do corrente.

Nas conferencias do partido «nazi» Hitler decretou durante três dias a «liberdade nas ruas para executar comunistas e acabar com a internacional.

Tais liberdades já conhecidas dos leitores e que tem dado um anedotário bastante extenso para critica universal, em que se diz que para o partido «nazi» ter completa maioria no parlamento, tem que matar os deputados da opposição, etc.



O Nacionalissimo cumprimento de Hitler, «trade-marks» todos os nacionalistas mundiais.

Que fazem os comunistas ao vêrem-se serceados por todos os sitios para fazerem a sua propaganda? Muito simplesmente, instalam poderosos postos emissores clandestinos de T. S. F. e fazem penetrar nas casas onde não entra a imprensa dêles, as acusações ao governo e as queixas sobre as perseguições que estão sofrendo. Ao mesmo tempo desafiaram o sr. Von Papen para que os cale, se é capaz.

Mundo de Negócios

A Internacional Sangrenta dos Armamentos

Ainda o caso Shearer. Thyssen, cidadão honorário do Ruhr. Os ar-
— quivos diplomáticos russos —



O almirante Shearer

Guilherme Shearer, almirante da marinha americana, era efectivamente, o agente encapotado dos construtores navais dos Estados Unidos

A Bethlehem Shipbuilding Company, que pertencia ao «trust» americano do aço, a American Brown Bonyer Company, e a New-York News Shipbuilding and Drydock Company, os grupos capitalistas directamente interessados nas construções navais, haviam feito de Shearer, à razão de 25.000 «dollars» cada uma — por ano — o seu homem de confiança. Shearer era igualmente subvencionado por Hearst, o poderoso proprietário de jornais que, em fins de 1928, fez desaparecer do Quai d'Orsay, por intermédio de um colaborador zeloso, um importante documento... A missão secreta de Shearer, como se compreende, era organizar a propaganda em favor do desenvolvimento da marinha de guerra. Com uma fenomenal faculdade de persuasão, usava e abusava de certas influências à volta dos senadores favoráveis ao desarmamento. E quando esses meios faliram, — Shearer não teve dúvida em adotar recursos extremos: organizou uma temerosa campanha de calúnias contra os pacifistas — classificando-os de «miseráveis agentes de Moscow!»

Enviado, — já o dissemos — como representante da América, à conferência preparatória do desarmamento naval, que se realizou em Genebra, Shearer conseguiu, graças à sua habilidade, fazer abortar todos os trabalhos!...

Os partidários intransigentes do aumento do poderio naval da América, felicitaram calorosamente o seu compatriota.

A sua energia des-

perrou uma explosão de entusiasmo.

Um dia, porém, o escândalo estourou. O almirante, desgostado com os patrões da indústria, por via da falta de pagamento de certos honorários, deu-lhes com os pratos na cara. Falou. As suas revelações não serviram só para pôr a nú certas intrigas internacionais: desnudaram as manobras feitas para a provocação de novas guerras.

Shearer contava, evidentemente, com cúmplices altamente colocados e que dispunham de esplendidas influências. Tinha, para defender e fazer decuplicar o dinheiro dos patrões, um curioso «Livro Azul» — «dossier» secreto que só podiam folhear alguns altos funcionários do respectivo ministério.

— «Dois dias antes de partir para Genebra — explicou — levaram-me ao hotel um grande envelope do Departamento da Marinha.

Dentro — estava o «Livro Azul» — com curiosas estatísticas sobre o estado das frotas de guerra de todas as potências do mundo».

Depois de se fixar que esse importante documento lhe fôra fornecido por outro almirante, fica-se a saber, evidentemente, de que categoria eram os «caixeiros» dos constructores de navios...

Shearer, com aqueles preciosos elementos, podia, já, tomar o caminho que mais lhe convinha!...

* * *

Krupp e Thyssen, os representantes mais cotados do «consorcio» dos Armamentos, tinham, antes de 1914,

agentes espalhados por todo o mundo. Era uma rede temerosa. Emboscados em toda a parte — na burocracia, em certa imprensa, nos Estados Maiores — etc., — a sua missão terrível limitava-se dia a dia, a provocar a lenta preparação duma guerra monstruosa, decompondo, hora a hora, o espirito pacifista das Nações.

A chacina terminou em 18. Pois nem assim a aza negra dessas aves de rapina deixou de adejar sobre os povos exaustos por quatro anos de loucura.

Em 1923, quando, a imposição dos altos Fornos franceses, os soldados da República invadiram o Ruhr Tyssen que, anos antes, havia fornecido armas e munições à «Entente» pôs-se à testa da resistência passiva, chegando, até, a ser condenado pelos tribunais especiais que a França instituiu nas regiões ocupadas. Nessa altura, porém, alguns elementos avançados franceses e alemães denunciaram publicamente o «bluff» da resistência do sinistro personagem e dos seus acólitos.

A atitude do «grand-seigneur» era apenas uma nova «chantage» à volta dos invasores...

Thyssen vivia, então, em Hamborn. Logo que a condenação foi tornada publica, ao Conselho Municipal foi pedido que o «cidadão» fôsse agraciado com o titulo de filho honorario da vila... A maioria — nacionalista — apoiou, de braços abertos, a proposta. A opposição recusou o seu voto e opôs á candidatura de Thyssen — a de Marcel Cachin, o deputado fran-

(Continua na pág. 15)

Uma indústria clandestina

Valente, Norte & C.^a — O corcunda. — Um bom emprego de capital. — O Tabaco "Valêta"

NÃO só por indole, mas também devido às exigências desta malhada profissão somos um pouco notivagos.

E' com um prazer indefinivel, um bem estar inqualificável, que deambulamos, noite alta, quer pelas avenidas airozas da cidade moderna, quer pelas mal empedradas vielas, da cidade velha.

Este hábito inveterado das passeatas nocturnais têm-nos, por vezes, proporcionado tão estranhas e indeléveis sensações que, mais tarde, pelas *nevadas*, elas serão sem dúvida, o aperitivo dulcificante, apeteccido ao fogo que nos aquece, as longas noites do *Inverno da Vida*.

Não era intenção nossa, focar essa estranha aventura, que hoje trazemos a público; porém esta revelação torna-se necessária, porque é o prólogo duma reportagem, do nosso grito de alarme, se nos permitem.

Posto isto, vejamos como uma frase negligente, provoca uma aventura curiosa.

* * *

Uma noite o «Português», tinha todo o aspecto dum grande *dancing* cosmopolita. A policromia das *toilettes*, o efeito bizarro duma ornamentação caprichosa, alternando com a *feerie* estonteante do salão, faziam trasbordar a alegria das almas, e o espumoso das taças.

Cerca da uma da madrugada um casal veio abancar na mesa próxima, despertando a nossa curiosidade, com o seu aspecto extravagante. Era perfeito o contraste!

Ela: alta, dum elegância requintada, o tipo da mulher mundana. Ele: baixo, atarracado, o *facies* dum agiota.

Pediram champanhe e entabularam conversação a meia voz. Pelas suas palavras, depreendemos que esperavam algum, avisado antecipadamente pela jovem, que ia relatando várias *démarches* efectuadas, enquanto o companheiro fixava a porta insistente, pronunciando um «é aquêlê?», por cada novo personagem que chegava.

Súbito, vimo-la sorrir e fazer um sinal, murmurando: «ele aí vem».

Quando o recenche-



A colheita das pontas por um muito conhecido velho, fornecedor de matéria prima para a fábrica...

gado se aproximou, ela fez as apresentações:

—O senhor Valente... —diz-se indicando o companheiro de mesa... o senhor Norte.

Instalado o *senhor Norte*, o outro perguntou estendendo-se sobre a mesa:

—Muita quantidade?

—Bastante —assentou o interpellado.

Talvez por precaução, a conversa baixou de tom, não tanto, contudo, que aos nossos ouvidos não chegasse como num sôpro, esta frase intrigante, dita pelo tal Norte: «... uma centena. Setenta no diurno... e trinta e tal no...».

Daí para diante, apenas um murmuro de vozes ininteligíveis; porém, tínhamos ouvido o bastante, para que pudéssemos socegar, sem dissiparmos o denso mistério, que parecia cercar estes personagens.

Pelas duas e meia da manhã, o *senhor Norte* levantou-se e cumprimentou; contudo, antes de retirar-se, recomendou ainda: «não esquecer, ás cinco e meia. Depois para a noite combina-se».

Já ele ia proximo da porta, quando o *outro* fez menção de levantar-se:

—Onde vais? —interpelou o companheiro.

—Diabo —mastigou, tamborilando com os dedos na mesa —V. sabe onde é essa rua... dos *Grilos* ou de *Santana*...

Ela casquinhou uma risadita e exclamou:

—Então onde foi procurá-lo?

—Ah! e retomando o lugar seguiu com olhar indiferente, os pares que animadamente dançavam.

* * *

Nas cidades como nas aldeias, em todos os meios quer grandes quer pequenos, há sempre, um certo número de individuos, cujo comportamento moral ou anormalidade fisica, os lançaram para um plano diferente do habitual, collocando-os em relêvo de harmonia com as causas dêsse movimento.

Poucos devem ser os portuenses, que não têm notado um certo corcunda, que, de saquinha pendurada na mão, e o olhar perscrutador fito sobre os passeios ou valêtas, percorre indiferente a tudo quanto o cerca, as artérias mais centrais da cidade.

Este homunculo, cujo nome ignoramos, pois que se recusou a dizer no-lo, de há muito linha despertando a nossa curiosidade, pelo seu estranho mistér: *apanhador de pontas de cigarro*.

Proporcionou-se-nos há dias, a tão almejada ocasião duma almejada palestra. Denunciando um certo receio no olhar obliquo, que de vez enquando nos lançava, apesar mesmo duma promessa de gratificação choruda, é com dificuldade, que conseguimos arrancar-lhe algumas frases.

Apontamos-lhe o sacco encharcado, para evitar que os cigarros ainda a arder queimem e para *corrir melhor* —segundo êle diz —e perguntamos-lhe:

—Quantas vêzes o enches?

—Uma e meia por dia — diz-nos mostrando os dentes acavalados.

Depois, a outra interpeação:

—Pouco rende. Tenho dias que faço oito, mas, noutros, nem cinco.

—P a g a m m a l ? Não respondeu, mas,

Aviso

Devido a circunstâncias imprevistas tivemos que suspender o prosseguimento da novela «O Mosqueteiro do Ar» o que recommençará no próximo número.

Reporter X

ante a nossa insistencia, resolveu numa evasiva:

— Sête e quinhentos, dez, conforme.

— O quilo?

Fêz um sinal afirmativo e quando desejamos saber quem era o comprador, respondeu hesitante:— no Asilo das Fontainhas... onde estão os *velhotes*.

Depois, mais confiante, prosseguiu: Em tempos *hiamos* vender ali ao pé da Sé. Agora, já lá não estão, e não sei para onde fôram.

— No largo do Colégio ao pé dos *Grilos*, não?— e enquanto o seu olhar se espantava, continuamos:— eu tambem sei eu tambem...

Ficamos de bôca aberta! Num apis, o concunda desapareceu correndo, como que assustado, com os nossos conhecimentos. Para nós a a surpresa não foi menor!

Acabamos de obter a confirmação das nossas suspeitas, baseadas ainda, em pequenos indícios. O tal *Valente* era um *industrial* e o *hate* um *torneador*, com uma centêna de apanhadores:

«... *setenta no serviço diurno... e, trinta e tal, no nocturno.*

* * *

Depois disto, procuramos obter mais esclarecimentos, e, nessa intenção, assistimos a algumas *pesagens*, que geralmente se efectuam aos domingos, numa taberna ao fundo das Fontainhas. Em vão temos procurado o *dêdo do gigante*, que manôbra essa legião formidável de apanhadores de «beatas», que a toda a hora serpenteia pela cidade contudo, alguns dados colhemos, e entre êles, êste, que é curioso: depois de separado o tabaco em *primeira* e *segunda* qualidades, sóre um *banho* e é vendido a pêso, ás classes pobres, por uma média de 15 a 20 escudos, o quilo.

Ignorando a verdadeira proveniência dêste tabaco, alguns fumadores designam-no pelo nome de *Valeta* dada a sua pessima *qualidade*.

Sempre a eterna *maldicência*, sobre a *indústria*, nacional...

Santos Pereira

Um «ménager», de doentes

(Continuação da página 12)

enchera os mais fantásticos gobelets com caldos de cultura bacteriológica que ia engarrafando em pequeninas ampolas que lá do alto os aviadores lançavam sobre o inimigo. Naquêlê laboratorio onde se engarrafava a morte em comprimidos enchiam-se frascos de salutar beragem para os doentes alemães. Visionai o que seria um erro, um engano de remessas trocando a morte pela esperança salutar de mil frasquinhos!...

Findou a guerra e com a implantação do novo regimen estadual, o Sr. Otto perdera uma pequena pensão por bons serviços prestados á Nação (matar gente!).

Um amigo do sr. Otto, um alemão 100%, patriota instalara-se em elegante consultório munido daquêles exquisitos ferrinhos com que os médicos malabarizam no nosso corpo. Mas o *dandismo* daquêlê consultório, daquêlê atelier contrastava virtualmente com a ausencia de doentes, pela ausência de môdêlos.

E vai começar a ingenuidade do Sr. Otto; êsse que tinha, havia frescos anos, qual pastor, conduzido ao redil envidrado tantos «bichinhos» de morte, porque não havia agora de muito pacatamente engaiolar outra especie bacteriologic' que em vez da morte provocassem a doença? Ele que tanta gente matara não poderia ser considerado agora benevolente causando só uma pequena dôr que logo passaria com a sua rápida intervenção remunerada? Seria glorioso, célebre, rico; o seu nome passava a fronteira, faria conferências no estrangeiro e se já era famoso como assassino de multidões seria afamadô como curador de mil doentes. Embora aquela celebridade fôsse desonestamente desumana e aquela fortuna ignara, não retrocedia dois micra a sua consciência depauperada. De aí em diante começou a dispôr, como se dispõe numa estante um romance em muitos tomos, várias ampolas que êle ia catalogando com uma cinta breve de papel: sifilis I, sifilis II e por aí fora um exército de patológica soldadesca.

As relações do dr. Otto seriam as victimas do seu maquievelismo e á noite, jogando o xadrez na casa de alguma família burgueza, o dr. Otto deixaria esvaír-se no chão o liquido empeçonhado e logo se retirava para daí a instantes voltar agora deixando de ser a visita habitual para ser o clínico urgente. Ganhava fama o dr. Otto e era feliz.

Aquêles primeiros exitos (?) podiam comprometê-lo e depois... êle só não podia com tam esfaltante tarefa, e não lhe foi difficil arranjar um secretário-fermeiro, um português que na Suíça fôra operário numa oficina metalurgica e que agora ia tôdas as noites avisar que o senhor doutor hoje não pode vir, tem uma conferência; e ao sair deixava espalhar-se

no tapete o liquido de uma ampola. De aí a momentos Fraülêen tinha tosse convulsa e como o dr. Otto estava em conferência chamava outro médico, honesto, probo mas que não entendia a enferma e então o dr. Otto era requisitado e vendo em casa a referênciã da doença munia-se com o unico e respectivo antidoto.

Assim enriquecera e comprando um elegante *chateau*, numa aldeia polaca usufruia na íntima convivência com o português auxiliar umas férias justas e alongadas. Certo dia o polícia foi encontrado torcido em dores no seu quarto de fumar. O português ganancioso tinha quebrado umas ampolas aos pés do seu patrão e fugiu para a América à procura de riqueza. Já no vapor experimentára a sua arte e no mesmo vapor ficou como inteligente enfermeiro. Mas aquela vida de ir e vir não lhe agradou e dirige-se a Chicago onde montou uma drogaria. Naturalizou-se americano trocando, traduzindo o seu verdadeiro nome, João de Carvalho, por Jhon Daky. Uma série de aventuras em Chicago espicaçara-o para New-York. Aí foi pobre, passára fome e andava sempre só com uma maleta pendurada de dois dedôs. Jamais se soube o que essa maleta trazia e nunca, mesmo desunindo essa maleta enigmática ficara sem um cordão unibelizal que a prendia a Jhon Daky. Entretanto uma horda compacta de jente assalta tôda a vasta bauliene de New-York como que formando um cordão de forte tecido que a propria polícia temia cortar. Inconsciente Daky desgraçado envereda no caminho dessa multidão faminta dos caminheiros da fome; fala diversas línguas e consegue insinuar-se, respeitar-se por tôda aquela tribu.

Certa noite a malêta abre-se para se fechar num instante; na manhã seguinte mais de uma centena de doentes torcia-se num estertor doloroso.

E Daky sereno, hirto com um poder quasi divino curava sem cessar aquela gente adoecida; parte da subvenção que diáriamente o Estado entrega aos «caminheiros da fome» cai no bolso sem fundo do português avarento.

O grau de superioridade que daqui lhe advem fá-lo chefe e mais que uma vez êste português malfadado se dirige ao Poder Central; então tempo de depositar no banco o dinheiro dos seus doentes. De dia para dia a sua fortuna aumenta e será até cubiçada por qualquer de aquêles que sentem pelo dinheiro a atracção maquitica, dinâmica de um quasi asfiziado pelo ar. E aí têm, caros leitores, mais um conhecimento do que é a luta pela vida. E aí têm como a arte de guerrear trouxe ao homem conhecimentos

técnico: de tal natureza tóxicos como o que acabais de ler!

Bem sabemos que a guerra devendo ser necessária, isto é, que a guerra (ainda não sabemos que respeito nos merece a guerra para escrever com G grande!) só deve ser invocada quando se esgotem todos os meios que a poderiam ter evitado, isto é, que a agressão à mão armada só deve ser praticada pelos Estados que vivem na ameaça atentória aos seus interesses, constituindo dêste modo como que uma legítima defeza que o código sanciona numa coercibilidade patente, faz com que, iamos dizendo, o homem na ganância de vencer se sirva de tudo que o possa salvaguardar da defeza, agressiva da outra parte. E se a guerra sendo necessária é legítima, legítimos são todos êses meios de que uma nação se serve para se defender. Isto é lógico, razoável, cabal! Mas que se escondam êses meios que atenuados em vez de matar publicamente podem fazer perigar a vida particularmente. Que se amnésie essa gaveta cerebral onde estão encaixotados êses conhecimentos e que por um processo singular de reversibilidade se troquem por ensinamentos que, praticados, tragam um lenitivo sagrado ao seu sofrer diabólico.

Pôrto, Novembro de 1932

Mundo de negócios

(Continuação da página 12)

cês que combateu, em nome dos trabalhadores franceses e alemães, a ocupação do Ruhr — e que Poincaré, nessa data, tinha a ferros na «Santé».

Nenhuma das propostas foi aceite. Puderam!... Os ingénuos vereadores da Camara de Hamborn convenceram-se, em certa altura, de que não merecia o seu reconhecimento o homem do «bluff» da resistencia passiva — o homem que, senhor do carvão e do aço, tinha os seus interesses ligados à Metalurgia e à Carvoaria de todo o mundo!...

* *

As origens da guerra? Pouca gente as conhece.

Trotsky, mal os revolucionarios de Outubro se apoderaram do «Krem-lin» fez revolver todos os arquivos secretos. E, como nas mágicas, aos olhos espantados do povo russo, surgiram dezenas de estranhos documentos. Eram relatórios diplomáticos, notas secretas dos Quartéis Gerais, planos, confidencias de agentes provocadores — toda a sinistra e complicada rodagem da monstruosa máquina

A FLOR DE LYZ

QUER COMER BEM? — BEM E BARATO?

Experimente: Visite o Braga, da «FLOR DE LYZ» e verá que nunca mais esquece o que comeu e bebeu

O BRAGA DA «FLOR DE LYZ»
é na R. do Bomjardim, 117-119-PORTO

na CAMISARIA SERRA

Encontra V. S.^a
o mais completo
sortido em
artigos de lã
para agasalho.

281, Rua Mousinho da Silveira, 287

TELEFONE, 1790

No coração do Brazil

(Continuação da pagina 6)

pre igual. Papagaios dos mais variados coloridos, inumeros passaros do ar com gritos estrepitosos que mais exqu岸itos aspectos cruzavam se estendiam pela vegetação, parecendo-nos que os arbustos gritavam tambem o mesmo hino de Vida e liberdade.

O que nos prometia melhor distração, eram as pegadas ainda frescas, do porco bravo, do veado do jaguar e as luras na areia do Tapir, mas infelizmente nunca em toda a nossa viagem encontramos um jaguar.

Os naturais chamados «Piranhas» gente de pequena estatura e alimentando-se apenas de peixe; a principio tratam com respeito, só atacam os viajantes na agua e quando acham êstes desprevenidos

Afinal temem uma vida plácida e confortavel.

Tribús inimigas

Durante muito tempo não encontramos tribús de indios a não ser os Carajas.

Estes são altos, franca fisionomia, agradaveis, muito preguiçosos, alegres e pobrissimos, (talvez sem saberem que o são) muito destros na arte da vida do rio.

Possuem poucos terrenos cultivados, poucos trabalhos mauuais e somente um limitado número de curiosidades; vivem geralmente da pesca, que êles caçam com compridos dardos. Os homens não usam roupas, as mulheres quasi nenhuma.

(Continua)

Página
— 15 —

As aventuras de "Z"

O "AZ" PORTUGUÊS DA AVIAÇÃO

As suas proezas heroicas;
As suas façanhas extraordinárias
As suas viagens maravilhosas

O mais empolgante dos romances modernos

"O Mosqueteiro do Ar"

Original inédito do Reporter X

que o

"Reporter X"

Continua a publicar esta semana

Leiam o **REPORTER X**

Colecionem as aventuras do

Mosqueteiro do Ar